

Manifesto Pró-Brasil — Carta ao Financial Times

ECONOMIA - BRASIL

Qual a diferença entre a produtividade brasileira e a de outro lugar do mundo? Por *Luiz Augusto Candiota*

Somente na última semana de junho, o Financial Times, talvez o jornal de economia e negócios mais influente do mundo publicou três matérias com as seguintes manchetes: "Brasil enfrenta situação crítica", "Para reduzir o risco Brasil" e "As frágeis defesas do Brasil".

Em todas as matérias o tom é semelhante, colocando a economia brasileira como frágil no momento atual tanto sob o ponto de vista da administração da dívida interna quanto em relação a sua vulnerabilidade externa. Ora, o que esperam os analistas financeiros e os doutores de Wall Street? Não pretendendo aqui explorar os números de nossa economia em detalhes, pois hoje todos temos conhecimento dos mesmos.

É verdade que o Brasil apresentou um crescimento substancial de sua dívida interna ao longo da última década, porém tirou do armário uma quantidade enorme de esqueletos construídos nos últimos trinta anos em cima do modelo estatizante implementado pelos governos militares. Temos uma dívida pública em torno de 55% do PIB, mas perfeitamente administrável na medida que hoje temos o exato conhecimento do que a mesma representa. Pergunte a qualquer ministro da Fazenda dos anos oitenta sobre qual era a dívida interna brasileira naquele período e as respostas seriam das mais estapafúrdias possíveis. Este era um país de enganações estatísticas, onde nenhum brasileiro ou estrangeiro conhecia exatamente qual era a situação.

Será que os analistas realmente pensam que os mais de US\$ 100 bilhões recebidos nos últimos anos em investimento direto estrangeiro foram feitos ingenuamente? Onde estes analistas imaginam que o dinheiro destas empresas está aplicado no Brasil? Eu lhes garanto que é no risco Brasil, o famoso risco-país e não no risco C-Bond!!! E isto vem sendo continuamente. Ora, será que todas estas empresas não sabem o que está acontecendo ou simplesmente não tiveram opção melhor? Por que continuam insistindo e vão investir outros US\$ 18 bilhões este ano?

Como devemos considerar sermos o terceiro país do mundo a receber investimentos diretos este ano e sermos visto como o ter-

ceiro pior risco de investimento? Algo está errado! Os empresários sabem melhor que ninguém que num país democrático os presidentes mudam, mas o que importa é se as regras do jogo serão claras e transparentes.

Muito me impressiona que pessoas sérias se disponham a escrever como se o Brasil não tivesse regras e o Presidente da República pudesse fazer o que bem quiser. Sabem que não é verdade!! Viram e presenciaram nos últimos anos a prisão do juiz Nicolau, a queda de presidentes do Senado Federal, o afastamento de deputados renomados e diversas CPIs que continuam apurando os fatos quando necessário.

O que imaginam estes analistas? Que o Congresso desaparecerá? Que o novo presidente poderá dizer não pago e pronto

Ingênuos são os analistas de Wall Street que investiram maciçamente na chamada Nova Economia

(aliás o que temos ouvido é exatamente o inverso de todos os candidatos!)? Atribuem a nós brasileiros um comportamento de súditos que não condiz com a realidade de nossa sociedade.

Não há ilusão. Ninguém seria leviano em dizer que nossos problemas acabaram, mas se olharmos o que vem acontecendo ao redor do mundo até que estamos nos saindo bem este ano. Parem um minuto e pensem: que país democrático está melhor do que nós este ano?

Ingênuos são os jovens analistas de Wall Street ao acreditarem em histórias da carochinha e investirem maciçamente naquelas ridículas empresas que nasciam por minuto na chamada Nova Economia. Não enganaram apenas seus clientes, mas principalmente a si mesmos!

Ingênuos são eles ao terem emprestado dinheiro de graça a países como Rússia, Indonésia e China sem terem a menor idéia da transparência de suas estatísticas. Nos dois primeiros já experimentaram a dor dos calotes e quanto ao terceiro é apenas uma questão de tempo. Comecem a observar a quantidade dos cha-

mados empréstimos não-performados na economia chinesa. Vem bomba por aí! E isto não tem qualquer relação com a quantidade de dólares que cada uma dessas economias gera, basta observar o caso russo.

O Brasil, por sua vez, virou seu modelo de produção e inseriu-se, ainda que de forma tímida, na economia global. Temos produtividade crescente, mas isto só importa quando mencionado pelo Greenspan. Qual a diferença entre produtividade brasileira e de qualquer outro lugar do mundo? Digam-me uma economia que tem aumentado a produtividade dos seus fatores de produção nos últimos oito anos como a brasileira?

Mesmo tendo crescido menos que o desejado, durante todo o governo FHC o Brasil cresceu continuamente e, acima de tudo, tornou-se um dos países exemplo do mundo em termos de transparência nas suas informações e disciplina e responsabilidade na administração pública, ao menos na esfera federal. Talvez devéssemos ter adotado os critérios contábeis da Enron e captado dinheiro a rodo destes ingênuos analistas e seus pobres clientes.

O que esperam os investidores num ano em que eles mesmos aprendem com seus enormes erros? Veja os casos Enron, WorldCom e os absurdos cometidos pelos bancos de investimento americanos com suas recomendações viesadas e distorcidas aos investidores. Ora, a verdade é que eles perderam a moral e a ética na condução de seus negócios. O problema central porém, é que acreditaram piamente neste modo de vida e hoje não sabem mais o que fazer. A verdade é que perderam a referência!!! Encararam como verdades absolutas há mais de vinte anos o milagre japonês, o sucesso do modelo argentino, do modelo russo e da contabilidade americana. Agora estão mais perdidos do que nunca!

Ora, não se desesperem! O Brasil mostrará a todos vocês o quanto vocês não entendem na da de comportamento de mercado e de economia. Felizmente vocês continuarão errando!

Luiz Augusto de O. Candiota é sócio do Grupo Lacan.